



Notas



Ano XIV - 2017

Briga de amor

Velhos mestres

BRIGA DE AMOR

Os negros bantus trouxeram do Congo reservas de gingas, negaças e bamboleios. Tudo dentro do ritual complicadíssimo para agradar aos santos. E era parte importante a música do berimbáu do pandeiro e do reco-reco.

A liturgia crioula foi ganhando angoleses e atemorizando brancos feitores. Negros não podiam portar armas, mas não tinha esse branco armado e de pé que ganhasse do negro deitado e descalço.

Veio a invasão holandesa e os negrões andaram mais atrevidos nas Alagoas. E subiram a Serra da Barriga mais de 20.000 quilombolas de ambições republicanas. Criaram uma cidade fortificada, sob o comando de Zumbi. Havia naquelas bandas coqueiros e palmeiras, que deram nome à República dos Palmares.

Mas os crioulos não viviam só de côcos. Faziam expedições guerreiras para o saque das fazendas da vizinhança. Libertavam os colegas do cativoiro e arrancavam as necessárias provisões de bôca. A capoeira já não era usada apenas como liturgia: virou arma dos guerrilheiros quilombolas.

Vinte quatro expedições muito bem armadas tentaram destruir a República crioula. E nada. Os negros de pés descalços valiam mais que bacarmates modernos, espadas e cavaleiros. Foram precisos 7.000 portugas dos bravos e um Domingos Jorge Velho para acabar com o Palmares do negro Zumbi e seus capoeiras.

Correu tempo grande de grandes adultérios. A mestiçagem e a mulataria

menos dócil, mais arrogante e mais destra conservou a tradição capoeira para as lutas de rua. D. João chegou, viu a coisa como ia, e temeu pela própria corôa real, por causa dos capoeiras vingadores dos brancos desmandos dos capitães do mato. E baixou decreto proibindo a capoeira.

As arnuças continuaram, com Pedro Primeiro, Pedro Segundo e recrudesceram com a República proclamada de Deodoro. E o Marechal achou jeito de aquinhoar capoeiras e vadios com prisões celurares de dois a seis meses, com a jurisprudência do Código Penal novo. Ser chefe de capoeira e pertencer a bando foi considerado agravante com punição codificada em dôbro.

Foi quando os primeiros políticos sabidões passaram a usar capoeiras e bambas como cabos eleitorais. E formaram jagunçada experiente para garantias de seus distritos politiqueiros. Deodoro ficou tulo e mandou Sampaio Ferraz desterrar capoeiras políticos para Ilha de Fernando Noronha, como qualquer subversivo de hoje.

Mas a subversão capoeira já estava enquistada no nobre sangue mulato. Foi a pouco e pouco racionalizada, sistematizada até ganhar fôros de ginástica nacionalista com o surgimento de escolas especializadas. E até «Guia da Capoeira», em letra de fôrma, saiu nas ruas da Bahia, em 1907.

A capoeira foi virando o grande esporte crioulo da nacionalidade. Mas briga de amor é até hoje o único incentivo da capoeira.

BRIGA DE AMOR

Os negros bantus trouxeram do Congo reservas de gingas, negaças e bamboleios. Tudo dentro do ritual complicadíssimo para agradar aos santos. E era parte importante a música do berimbau, do pandeiro e do reco-reco.

A liturgia crioula foi ganhando angolezes e atemorizando brancos feitores. Negros não podiam portar armas, mas não tinha êsse branco armado e de pé que ganhasse do negro deitado e descalço.

Veio a invasão holandesa e os negrões andaram mais atrevidos nas Alagoas. E subiram a Serra da Barriga mais de 20.000 quilombolas de ambições republicanas. Criaram uma cidade fortificada, sob o comando de Zumbi. Havia naquelas bandas coqueiros e palmeiras, que deram nome à República dos Palmares.

Mas os crioulos não viviam só de côcos. Faziam expedições guerreiras para o saque das fazendas da vizinhança. Libertavam os colegas do cativo e arrancavam as necessárias provisões de bôca. A capoeira já não era usada apenas como liturgia: virou arma dos guerrilheiros quilombolas. Vinte quatro expedições muito bem armadas tentaram destruir a República crioula. E nada. Os negros de pés descalços valiam mais que bacamartes modernos, espadas e cavaleiros. Foram precisos 7.000 portugueses bravos e um Domingos Jorge Velho para acabar com o Palmares do negro Zumbi e seus capoeiras.

Correu tempo grande de grandes adultérios. A mestiçagem e a mulataria menos dócil, mais arrogante e mais destra conservou a tradição capoeira para as lutas de rua. D. João chegou, viu a coisa como ia, e temeu pela própria corôa real, por causa dos capoeiras vingadores dos brancos desmandos dos capitães do mato. E baixou decreto proibindo a capoeira. As arruaças continuaram, com Pedro Primeiro, Pedro Segundo e recrudesceram com a República proclamada de Deodoro. E o Marechal achou jeito de aquinhoar capoeiras e vadios com prisões celulares de dois a seis meses, com a jurisprudência do Código Penal novo. Ser chefe de capoeira e pertencer a bando foi considerado agravante com punição codificada em dôbro.

Foi quando os primeiros políticos sabidões passaram a usar capoeiras e bambas como cabos eleitorais. E formaram jagunçada experiente para garantias de seus distritos politiqueiros. Deodoro ficou fulo e mandou Sampaio Ferraz desterrar capoeiras politicos para Ilha de Fernando Noronha, como qualquer subversivo de hoje.

Mas a subversão capoeira já estava enquistada no nobre sangue mulato. Foi a pouco e pouco racionalizada, sistematizada até ganhar fôros de ginástica nacionalista com o surgimento de escolas especializadas. E até «Guia da Capoeira», em letra de fôrma, saiu nas ruas da Bahia, em 1907. A capoeira foi virando o grande esporte crioulo da nacionalidade. Mas briga de amor é até hoje o único incentivo da capoeira.